

GESTÃO DO PEDAGÓGICO: A DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA

Shirlei Alexandra Fetter¹

Raquel Karpinski²

Denise Regina Quaresma da Silva³

RESUMO

O presente artigo apresenta como temática a gestão pedagógica sobre as questões de diversidade sexual e de gênero. Pretende analisar a prática docente e sua abordagem frente a Identidade Sexual e de Gênero, em sala de aula e no processo de formação nas escolas da rede municipal de ensino em Parobé/RS. A metodologia está baseada no estudo qualitativo. Como resultado percebe-se o predomínio do conservadorismo que repercute na negação ao público LGBT, prevalecendo a heteronormatividade. Considera-se que a escola é o espaço de referência à emancipação e libertação, porém esta mesma escola é o lugar da resistência e negação à identidade sexual e de gênero dos educandos.

Palavras-chave: Identidade, Prática pedagógica, Gestão, Sexualidade, Gênero.

ABSTRACT

This article presents pedagogical management as a theme on issues of sexual diversity and gender. Analyze teaching practice and its approach to sexual and gender identity, in the classroom and in the training process in schools in the municipal teaching network in Parobé / RS. The methodology is based on a qualitative study. As a result, there is a predominance of conservatism that affects the denial of the LGBT public, with heteronormativity prevailing. It is considered that the school is the reference space for emancipation and liberation, however, this same school is the place of resistance and denial to the students' sexual and gender identity.

KEYWORDS: Identity, Pedagogical practice, Management, Sexuality, Gender.

1 PROPÓSITO CENTRAL DO TRABALHO

Visando a conjectura atual, em que estamos passando por suposição de opiniões que resultam em fatos inconclusos ou inferências, e com intensão de aprofundar-me, meus estudos têm se voltado às questões sobre a Identidade sexual e de gênero existente na contemporaneidade. Recorro a Quaresma da Silva (2016, p.

¹ Doutoranda em Educação. Bolsista Capes- Universidade La Salle Canoas/RS. fettershirlei@gmail.com

² Professora das Faculdades Integradas de Taquara. Doutoranda em Educação pela UFRGS. raquelk@faccat.br

³ Professora -Universidade La Salle Canoas/RS. Doutora em Educação. Pós-Doutora em Estudos de Gênero pela UCES.

80) para sustentar que a instituição escolar “é atravessada por marcadores e atribuições de gênero e é impossível pensar em uma instituição sem considerar as construções sociais e culturais”. Assim, busco a compreensão desse fenômeno em específico, e, também interpretações sobre as concepções hegemônicas que fazem parte do atual contexto social.

Ciente de que no interior desse desafio, encontram-se as diferenças, tenho como intenção colocá-las ao centro da produção acadêmica mais recente. É neste aspecto que me condiciono, enquanto aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação, a falar de Identidade sexual e de gênero, o que se caracteriza todo o tempo nas escolas, para assim propiciar uma discussão aberta sobre a sexualidade. Em vista disso, no espaço escolar não se problematiza a sexualidade e o gênero, isto é, “os corpos dos alunos falam sua sexualidade”, porém a escola emudece para o fato (QUARESMA DA SILVA, 2007, 114).

Os estudos que desenvolvi, até iniciar o processo de doutoramento, e os interesses sobre o tema, levaram-me à escolha do Programa de Pós-Graduação da Universidade LA SALLE, já que, enquanto professora, busco romper os paradigmas da educação tradicional em busca de novos significados, identificando-os com a proposta da linha de pesquisa sobre a “Formação de Professores, Teorias e Práticas Educativas”, as quais se justificam, também, pela necessidade de formar profissionais qualificados, que primem pela excelência do ensino e do seu fazer educativo e aprofundar concepções teóricas que orientam as ações educativas e o desenvolvimento humano a fim de promover estratégias de intervenção nos sistemas de ensino.

Nesse sentido, em especial atenção, pretendo desenvolver uma análise crítica sobre atuação dos professores, problematizando a sua didática pedagógica na educação básica, em específico nos anos iniciais da rede municipal de Parobé/RS. Busco, com essa proposta de estudo interpretar e examinar os currículos escolares e as práticas pedagógicas, a fim de repensar a didática dos professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, através de projetos que contemplem as identidades sexuais e de gênero e possibilitem a formação e a atualização sobre o tema (QUARESMA DA SILVA, 2016).

Considero, nessa proposta, a disposição para (re)construir modos de pensar, sobre a identidade sexual e de gênero, sobre a conscientização contra qualquer forma

de discriminação e exclusão. Com efeito, a pesquisa parte de uma reflexão que articula os desafios contemporâneos nos processos pedagógicos, ou seja, é um tema que tem ênfase pela sua complexidade, traduzidas em diferentes aspectos, os quais necessariamente, precisam se fazer presentes nos debates em escolas e instituições de ensino superior.

Com isso, pretendo contribuir para a promoção da equidade, à medida que se promove o respeito às diferenças. Por isso, enquanto estudos de processo de doutoramento em Educação e, enquanto educadora, valorizo a importância de professores preparados a abordar as questões sobre Identidade Sexual e de gênero, que contemplem esse assunto, desde a formação de professores à sua ação metodológica diária.

Parte-se do pressuposto de que a escola, enquanto espaço social proporciona a convivência com a diversidade. Estima-se esse espaço como vantagem para a discussão de questões referentes à identidade sexual e de gênero. Enquanto o respeito à diversidade, contempladas nos documentos Legais, os quais regulamentam a Educação Básica a fim de omitir, discussão a Identidade Sexual estará oportunizando que o preconceito seja naturalizado nas instituições de ensino. Inferindo que as questões históricas que se estabeleceram a escola como produtora e reprodutora das diferenças. Necessitamos obter entendimento intelectual para enfrentar e intervir sobre as diferentes formas de discriminação e exclusão social, o qual permita que docentes, compreendam a dimensão sua ação pedagógica remete para além de transmissão de conteúdos curriculares.

O tema deste estudo, se propõe a discutir a problemática que envolve acertadamente a questão identidades e subjetividades no contexto escolar argumentado por Silva (2002, p. 94) que “não existe identidade sexual que não seja já, de alguma forma, discursiva e socialmente construída”. Tal reflexão nos leva à disciplinarização dos corpos. Em outras palavras, a relação entre a teoria problematiza e reafirma os interesses de negar a população a sua identidade.

Para inspirar, o assunto está baseado na afirmação sobre “o direito de ser iguais quando a diferença nos inferioriza e o direito a ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza” (SANTOS, 2001, p. 28). Toda essa questão faz assinalar-me desafios, como por exemplo, a necessidade de romper com a ideia de que a diferença é um problema, uma vez que no imaginário presente na cultura

docente, a homogeneização seria um fator de facilitação do trabalho pedagógico. A partir dessa leitura, é possível repensar as ações pedagógicas da escola e buscar através de práxis, mudar esses artifícios que favorecem número inferior da população.

Torna-se impossível, assim, desvincular as discussões de gênero das instituições escolares, atravessam a escola e são atravessados pelo ensino. Por isso, a formação de professores, sobre o pensamento de Nóvoa (1995) é um exercício permanente. Assim a eficiência da didática está na relação da realidade vivenciada pelo aluno. Considero isso, à frente de narrativas sobre exclusão e preconceitos. Consequentemente, problematizarei as experiências construídas pelos(as) discentes acerca da temática sexualidade e gênero, com vista à abordagem pedagógica.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Há já quase três décadas, tem emergido no Brasil estudo dedicados a pesquisas relacionadas a sexualidade e gênero. Os conceitos estavam caracterizados nas relevâncias feministas e inseridos em contextos históricos de debates político-econômicos. Por consequência, a sexualidade era considerada como um feito cultural, em vez de fator, por si, natural, considerado a sexualidade independente do campo biológico e apresentado a partir das concepções culturais da sociedade patriarcal. Não obstante aos feitos, estudos feministas, de Sexualidade e Gênero viabilizaram pesquisas mais recentes que denominam de desconstruções das ideologias de gênero e sexualidade (LOURO, 2001)⁴.

A desconstrução das ideologias se propõe a interrogar os processos sociais, culturais, econômicos e políticos, historicamente inflexível, que permitiram a presença das diferenças. Estudos, tem apresentado uma perspectiva de desconstrução às ideias de caráter histórico, isto é, construído. Como exemplo, esse, é, o caso das pessoas lésbicas, gays, bissexuais, ou seja, todas as pessoas que fogem ao padrão normativo da heterossexualidade.

Essas relações foram historicamente construídas e precisam ser repensadas, problematizadas e desfeitas porque (re)produzem tratamento desigual entre as

⁴ Fortemente inspirados em perspectivas desconstrucionistas, os Estudos *Queer*, que têm sua introdução e desenvolvimento no Brasil a partir da publicação do artigo “Teoria Queer – Uma Política Pós-Identitária para a Educação”, de Guacira Lopes Louro (2001), não visam a uma destruição da sexualidade e do gênero, mas sim a sua desconstrução, quer dizer, seu propósito maior assenta em descobrir o gênero e a sexualidade do caráter de naturalidade adquirido ao longo da história.

peças. Identidade sexual e de gênero, conseqüentemente, não é uma “ideologia”, todavia, um fator sociocultural de produção de desigualdades. A escola, dita democrática não pode ser a reprodutora do preconceito enraizado, respeitar a pluralidade humana, às diversidades é função da escola na contemporaneidade.

No que segue, defino tais abordagens por meio deste estudo com a pretensão de apresentar inquietações sobre temática identidades sexual e de gênero na educação. O recorte do mesmo apresenta como campo de estudo uma cidade no Sul do Brasil.

Parto do pressuposto que, através das concepções apresentadas pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC, a educação contemporânea assume a responsabilidade de integrar-se à leitura do global, no sentido de promover a educação integral, isto é, a percepção do estudante em sua integralidade (BRASIL, 2017). Outro fator que se apresenta é o desafio de um tema atual que necessita de ampla discussão, desde a formação de professores até a prática em sala de aula.

Após estas reflexões sobre o paradigma educacional emergente e suas implicações para o currículo e à atuação docente, apresento o espaço da escola como ideal para a promoção da(s) diversidade(s), no tocante à(s) sexualidade(s), uma vez que ela contribui para a constituição da(s) identidade(s) do(s) aluno(s) imerso(s) em um dado contexto sociocultural e histórico.

Nessa perspectiva, o currículo deve ser visto não apenas como a expressão ou a representação ou o reflexo de interesses sociais determinados, mas também como produzindo identidades e subjetividades sociais determinadas. O currículo não apenas representa, ele faz. É preciso reconhecer que a inclusão ou a exclusão no currículo tem conexões com a inclusão ou exclusão na sociedade (SILVA, 2011, p.10).

Faz-se necessário valorizar as diversidades no contexto escola a fim da equidade. Nessa perspectiva, o currículo deve apresentar-se não apenas como expressão, representação ou o reflexo de “interesses sociais”, como produtor de identidades e subjetividades determinadas. O currículo não apenas representa: ele faz, ele transforma. Muito embora o tema não seja assumido como parte do currículo oficial, mas o “currículo oculto”⁵, porém a escola está inflada pela “pedagogia da

⁵ Rita de Cássia Barbosa Paiva Magalhães e Erasmo Miessa Ruiz (2011), afirmam que o currículo oculto não se encontra no âmbito do visível, isto é, dos conteúdos e atividades programados, mas sim

sexualidade”, e nas suas ações, diariamente ensina o que é ser menino e o que é ser menina.

Por isso, há a necessidade de repensar e conceber a escola enquanto espaço possível à equidade para não silenciar os diferentes. Acrescenta-se a necessidade de repensar o paradigma educacional vigente, nas formações iniciais e continuadas de professores de modo a lhes oportunizar o conhecimento sobre as questões sexuais/identitárias dos alunos.

Em síntese, a temática considera que sociedade contemporânea se constitui, historicamente, por exclusão social, sendo assim, pensar esse processo dentro da instituição de ensino nos impele também a pensar na composição da sociedade. Partir em busca de compreensão, sobre como as relações sociais se constituem e ocasionam pensamentos acerca dos acontecimentos. Dessa maneira, busca-se trazer à discussão as questões sobre a identidade sexual e de gênero na sala de aula da educação básica. Ainda, tenho como pretensão considerar o espaço educativo da instituição escolar e as intenções pedagógicas docentes como agente de discussão e mudança sobre as concepções sociais consideradas de uma sociedade com características excludentes.

3 METODOLOGIA

O estudo metodológico de uma pesquisa científica se caracteriza pela finalidade de captar e analisar as características dos métodos, avaliar suas capacidades, potencialidades, limitações ou distorções e criticar. A metodologia científica, na concepção de Demo (2006) é considerada como uma forma de conduzir e identificar a pesquisa ou um conjunto de regras para serem baseadas nos procedimentos e elaboração de instrumentos que une teoria e prática com eficácia.

O presente estudo tem por natureza desenvolver uma pesquisa aplicada. Enquanto abordagem metodológica, o estudo, inicialmente, adota os moldes de pesquisa qualitativa, buscando dar esclarecimento ao tema, que remete ao estudo sobre a questão de diversidade de gênero inserida nos programas e nas mediações de ensino de professores/as.

que se imiscui no cotidiano escolar por intermédio da vigilância de comportamentos, das rotinas e dos gestos.

A escolha pela perspectiva qualitativa é dada pela investigação de interesse abrangente sobre o entendimento da ocorrência dos fatos em que a pesquisa objetiva, e para isso, é essencial a consolidação no âmbito em que o procedimento acontece. A investigação qualitativa é também considerada uma forma de conduzir a pesquisa ou um conjunto de regras para serem baseadas nos procedimentos e elaboração de instrumentos que tornem concretos os conceitos teóricos, na execução de um trabalho de campo (STAKE, 2011). A essência qualitativa é dada considerando que o contato entre o pesquisador e ambiente de investigação por um período de estudos prolongado, em que o sujeito pode questionar.

Do ponto de vista dos objetivos, será realizado um estudo exploratório, seguido por entrevistas semiestruturadas com docentes que estão diretamente envolvidos/as com as experiências práticas, baseando-se por uma análise crítica sobre as questões que envolvem a identidade sexual e de gênero além de suas formulações teóricas, em novas metodologias e práticas capazes de desvelar e mapear os diversos conflitos, violências e desigualdades historicamente arraigadas em nossa sociedade e cultura.

Os envolvidos na pesquisa, isto é, ouvidos no decorrer da investigação, constituem-se pelos docentes que compõem as dezessete escolas de Ensino Fundamental da rede municipal de Parobé/RS. Para definir os membros, serão necessários critérios os quais levarão em conta as ou particularidades correspondentes aos integrantes. Os motivos e critério de escolha dos professores se darão pela indicação da equipe gestora em consequência de narrativas constituídas, por preconceitos praticados etc.

Para contemplar o trabalho investigativo, será aplicado com os professores um questionário sociodemográfico, seguido de entrevista com perguntas semiestruturadas a serem analisadas e categorizadas. Segundo Bardin (2011), a análise do conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológico que se aplicam a discursos extremamente diversificados, enriquecendo a tentativa exploratória. Portanto as informações coletadas serão caracterizadas a partir das entrevistas, assim serão categorizadas, descritas e interpretadas.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 70. ed. São Paulo: Edições, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_19mar2018_versaofinal.pdf.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. TEORIA QUEER - UMA POLÍTICA PÓS-IDENTITÁRIA PARA A EDUCAÇÃO. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541, jan. 2001. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2001000200012>>.

MAGALHÃES, Rita de Cássia Barbosa Paiva; RUIZ, Erasmo Miessa. Estigma e currículo oculto. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 17, p. 125-142, Mai/Ago. 2011. Edição Especial.

NÓVOA, Antônio. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto, 1995.

QUARESMA DA SILVA, Denise Regina. 2007. A sexualidade e a educação sexual nas escolas através dos tempos. *In*. **Formação de professores: a articulação entre os diferentes saberes**, (Org.). Denise Arina Francisco Valduga e Mireila de Souza Menezes, 107-126. Novo Hamburgo: Feevale.

_____. Exclusão de adolescentes grávidas em escolas do sul do Brasil: uma análise sobre a educação sexual e suas implicações. 2016. **Revista Estudos Sociais**. N. 57, jul. set. p 78-88. Disponível em: <https://revistas.uniandes.edu.co/doi/full/10.7440/res57.2016.06>.

SANTOS, Boaventura Souza. **Para uma concepção multicultural de direitos humanos**. Contexto Internacional. Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 7-34, jan./jun. 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e identidade social: territórios contestados. *In*: _____ (Org.). **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

STAKE, Robert E. **Pesquisa Qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre: Penso, 2011.